

CORPO E SEXUALIDADE: EXPERIÊNCIAS SEXUAIS E AFETIVAS DE PESSOAS GORDAS¹

BODY AND SEXUALITY: SEXUAL AND AFFECTIVE EXPERIENCES OF FAT PEOPLE

CUERPO Y SEXUALIDAD: EXPERIENCIAS SEXUALES Y AFECTIVAS DE PERSONAS GORDAS

Tamires Giorgetti Costa²  Ana Cláudia Bortolozzi³ 

Resumo: O corpo e a sexualidade são construções históricas e sociais. Os padrões de beleza e de estética contribuem para que corpos gordos sejam considerados não atrativos, assexuais e doentes. Representações negativas e preconceitos são vivenciados por pessoas gordas e podem causar impactos na vivência da sexualidade, afetividade e autoestima. Esta pesquisa qualitativa-descritiva investigou, a partir da experiência de 10 universitários(as) que foram considerados gordos(as) na adolescência, seus relatos sobre sua sexualidade. Os dados foram obtidos por meio de uma entrevista com questões abertas, gravados e transcritos na íntegra para posterior análise de conteúdo (Bardin, 2020), resultando nas categorias temáticas: (a) Sentimentos de insegurança e baixa autoestima; (b) Experiências sexuais e amorosas de pessoas gordas; (c) Questões de gênero e orientação sexual e (d) Enfrentamento de dificuldades. Os resultados ressaltam as implicações subjetivas em ser um(a) adolescente gordo(a) e os impactos subjetivos e sociais na sexualidade. Diferenças entre os gêneros também foram observadas e os dados reafirmaram a construção cultural do corpo e os ideais de beleza como agentes disciplinadores de corpos, sobretudo, femininos. Novos estudos podem aprofundar as implicações subjetivas em ser um(a) adolescente gordo(a) e os impactos na sexualidade, e propostas em educação sexual podem minimizar sofrimentos e situações de discriminação.

Palavras-chave: Corpo gordo; Sexualidade; Educação sexual.

Abstract: The body and sexuality are historical and social constructions. Beauty and aesthetic standards contribute to fat bodies being considered unattractive, asexual and sick. Negative representations and prejudices are experienced by fat people and can impact the experience of sexuality, affectivity and self-esteem. This qualitative-descriptive research investigated, based on the experiences of 10 university students who were considered fat in adolescence, their reports on their sexuality. The data were obtained through an interview with open questions, recorded and transcribed in full for later content analysis (Bardin, 2020), resulting in the thematic categories: (a) Feelings of insecurity and low self-esteem; (b) Sexual and love experiences of fat people; (c) Gender and sexual orientation issues and (d) Coping with difficulties. The results highlight the subjective implications of being a fat teenager and the impacts on sexuality. Differences between genders were also observed and the data reaffirmed the cultural construction of the body and the ideals of beauty as disciplining agents of female bodies. New studies can deepen the subjective implications of being a fat teenager and the impacts on sexuality and proposals in sexual education can minimize suffering and situations of discrimination.

Keywords: Fat body; Sexuality; Sexual education.

Resumen: El cuerpo y la sexualidad son construcciones históricas y sociales. Los estándares de belleza y estética contribuyen a que los cuerpos gordos sean considerados menos atractivos, asexuales y enfermos. Representaciones negativas y preconceptos son vivenciados por personas gordas y pueden causar impactos en la vivencia de la sexualidad, afectividad y autoestima. Esta investigación cualitativa-descriptiva investigó, a partir de la experiencia de 10 estudiantes universitarios que fueron considerados gordos en la adolescencia, sus relatos sobre su sexualidad. Los datos fueron obtenidos a través de una entrevista con preguntas abiertas, grabadas y transcritas íntegramente para posterior análisis de contenido (Bardin, 2020), resultando en las categorías temáticas: (a) Sentimientos de inseguridad y baja autoestima; (b)



¹O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

²Doutoranda e Mestra em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Bauru – SP, Brasil. tamires.giorgetti@unesp.br

³Professora Livre Docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências, Bauru, SP, Brasil. claudia.bortolozzi@unesp.br

Experiências sexuais e amorosas de pessoas gordas; (c) Questões de gênero e orientação sexual e (d) Enfrentamento das dificuldades. Os resultados destacam as implicações subjetivas de ser um adolescente gordo e os impactos na sexualidade. Também se observaram diferenças entre gêneros e os dados reafirmaram a construção cultural do corpo e os ideais de beleza como agentes disciplinadores dos corpos femininos. Novos estudos podem aprofundar as implicações subjetivas de ser um adolescente gordo e os impactos na sexualidade e propostas em educação sexual podem minimizar o sofrimento e as situações de discriminação.

Palavras chave: Corpo gordo; Sexualidade; Educação sexual.

Introdução

A contemporaneidade retrata uma realidade em que os corpos se tornaram produtos, moldados e modificados em prol da “saúde”, o que nem sempre corresponde a práticas promotoras de qualidade de vida. Neste modelo de saúde, o corpo ideal é relacionado ao corpo magro e a vivência de um corpo gordo torna-se difícil e complexa (Arruda; Jimenez-Jimenez; Silva, 2022; Jimenez-Jimenez, 2020; Paim; Kovaleski, 2020).

A obesidade é apontada como um problema de saúde pública, multifatorial, que traz consequências sociais, físicas, psicológicas e emocionais. Vários estudos evidenciam a obesidade enquanto um evento que adoce o corpo material/biológico e uma das soluções para garantir longevidade e qualidade de vida é muitas vezes a intervenção cirúrgica, indicada para pessoas com o índice de Massa Corporal (IMC) igual ou superior a 35 kg/m² com comorbidades associadas e igual ou acima de 40kg/m² mesmo sem outras doenças associadas ao peso (Chooi; Ding; Magkos, 2019; Conceição *et al.*, 2018; Magdaleno Júnior; Chaim; Turato, 2009; Mota; Costa; Almeida, 2014; Mota, 2012; Müller *et al.*, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2024), o índice de obesidade vem aumentando entre crianças, adolescentes e adultos. Os dados sobre obesidade diferem entre as regiões do mundo, com um aumento significativo registrado nas Américas entre 1990 e 2022. No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada em 2019 (IBGE, 2020), adolescentes entre 15 a 17 anos apresentaram excesso de peso (IMC \geq 25 kg/m²), 22,9% seria do sexo feminino e 16% do sexo masculino, quanto aos indicadores de obesidade (IMC \geq 30 kg/m²) prevaleceu o número de 8% entre as meninas e 5,4% dos adolescentes meninos. A pesquisa também disponibiliza dados da população adulta, cerca de 60,3% dos(as) brasileiros(as) apresentam indicadores de excesso de peso (que seria um índice anterior a condição de obesidade) e 25,9% de obesidade. Em todos os anos da pesquisa (2002-2003, 2008-2009, 2013 e 2019), os números de obesidade foram maiores entre as mulheres, quando comparados aos homens.

O corpo pode ser interpretado como fenômeno construído e influenciado socialmente. A partir de uma leitura social crítica, busca-se desconstruir o termo “obesidade”, que parte de uma concepção médica/biológica e associa magros à saúde e gordos à doença (Arruda; Jimenez-Jimenez; Silva, 2022; Jimenez-Jimenez, 2020; Paim; Kovaleski, 2020; Rangel, 2018). Assim, ao invés de “obeso(a)” adotamos os termos “pessoa gorda” ou “gordo(a)”, nomenclaturas inseridas por ativistas do movimento, embasadas em concepções humanizadas que visam à despatologização dos corpos.

Quando a magreza passa a ser naturalizada como o novo normal, a gordura é visualizada como um processo de escolha e não desejável. Ao relacionarmos o gênero e outros marcadores sociais como raça, regionalidade e classe, as opressões e as violências aumentam significativamente (Novaes, 2022). Segundo essa autora, o corpo magro e a lógica punitivista levou mulheres a transformarem a “beleza e a estética” em obrigação. Corpos de homens são colocados como natureza, enquanto as mulheres constroem seus corpos culturalmente tornando sua identidade moral resultado de sua aparência. Evidentemente, a ditadura do corpo ideal como magro e perfeito atinge, atualmente, mulheres e homens mesmo que de formas distintas.

Entre os séculos XIV e XVI, na passagem da Idade Média para a Era Moderna, a beleza feminina foi associada ao “bom ou mau caráter”. Ao contrário dos dias atuais, nessa época o corpo da mulher gorda simbolizava saúde, fertilidade e *status* social. O novo ideal de beleza (magro) surgiu para as mulheres pelas noções de indisciplina e imoralidade; emagrecer seria a única forma de controle para assumir uma identidade mais positiva e moralmente aceita (Ulian *et al.*, 2016).

Para Zanello (2022), o corpo padrão é compreendido como fonte de prestígio social e matrimonial, aquela mulher que não atinge os ideais estéticos da “prateleira do amor” (padrão branco, magro e jovem) dificilmente será escolhida por algum homem/parceiro. Além disso, para a autora, o poder de escolha amorosa atribuído aos homens também tornaria as mulheres mais vulneráveis e tolerantes a situações de violência, na incessante tentativa de manterem a relação para não retornarem à “prateleira”.

Assim como o corpo é uma construção cultural, também é a sexualidade, produto dos discursos sociais de poder que constituem padrões de normalidade, como a heterossexualidade e o binarismo de gênero (Foucault, 1988). A relação entre a sexualidade e o corpo gordo recentemente tem sido foco de pesquisas na área das ciências humanas. Geralmente, o corpo desviante é associado ao não desejável e é comum a solidão afetiva nos relacionamentos amorosos (Jimenez-Jimenez, 2020). Estudos indicam que ter um corpo gordo seria uma “condição” desencadeadora de supostas disfunções sexuais e até mesmo infertilidade (Çaynak; Boyacıoğlu; Temel, 2021; Gokalp *et al.*, 2021; Talmor; Dunphy, 2015).

Ao avaliar os aspectos da sexualidade de mulheres que realizaram a cirurgia bariátrica, Barroqueiro *et al.* (2012, p. 64) demonstram diferenças significativas na função e satisfação sexual: “aumento de desejo, excitação, lubrificação, orgasmo, satisfação e ausência de desconforto/dor”. Por um lado, há o “contentamento” com o novo corpo, melhora na autoestima e autoimagem; por outro, a insatisfação ocorre ao perceber que o corpo ainda não atingiu o padrão de “normalidade e estética” desejado, o excesso de pele alocado em partes do corpo induz a busca por novos procedimentos cirúrgicos que irão “reparar” o novo desvio.

Granero-Molina *et al.* (2021) investigaram a sexualidade de mulheres com corpos gordos (consideradas com obesidade mórbida pelo índice de massa corporal) em programa cirúrgico preparatório. As mulheres não aceitavam seus corpos e ignoravam práticas sexuais promotoras de prazer mútuo; o foco seria apenas a satisfação sexual do parceiro. Além disso, não acreditavam que poderia existir desejo sexual dos parceiros por elas.

Em um estudo transversal realizado com 623 mulheres, foi analisada a possível associação entre cirurgia bariátrica e a função sexual feminina. Não houve diferença significativa quanto ao número de mulheres sexualmente ativas antes e após a cirurgia (Róžańska-Walędzia *et al.*, 2020). Em contraponto, os resultados da pesquisa de Di Nardo *et al.* (2021) mostram que o funcionamento sexual feminino não estava relacionado ao peso, mas sim com outras variáveis consideradas subjetivas, como a imagem corporal e a autoestima.

Ou seja, no decorrer das vivências as pessoas constroem sua identidade e imagem corporal. A relação com o outro e o meio social contribuem, muitas vezes, de forma negativa, e “sentimentos como tristeza, inferioridade e inadequação ao padrão corporal vigente” são constantemente experienciados por pessoas com corpos gordos (Castro *et al.*, 2013, p. 97).

A insatisfação corporal é um movimento cíclico, que é alterado de tempos em tempos de acordo com os padrões vigentes de beleza, outras condições e novos procedimentos estéticos surgem para garantir que os corpos se adaptem ao “novo normal” e “belo”. A literatura indica que o emagrecimento traz melhora na função sexual e nos relacionamentos com pares e muitos estudos que relacionam a sexualidade com o corpo gordo priorizam o aspecto médico, após a cirurgia bariátrica, especialmente no caso das mulheres. Entretanto, como as pessoas que têm um corpo gordo vivenciam um período de desenvolvimento importante como a adolescência? Como elas próprias percebem a relação entre suas sexualidades e o corpo que é julgado como “desviante” e “anormal”? Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar, a partir de relatos de jovens que foram considerados(as) gordos(as) na adolescência, os aspectos da sua sexualidade no desenvolvimento humano.

Método

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa-descritiva. O estudo qualitativo tem uma base teórica e busca agregar a realidade social do sujeito e seus significados, por meio de procedimentos científicos diante de um objeto de estudo: a coleta e a interpretação de dados a partir do estudo de características de uma população, um grupo ou um fenômeno, sem controle ou interferência de variáveis (Sampieri; Collado; Lucio, 2006; Spata, 2005).

Participantes

Participaram da pesquisa uma amostra de conveniência de dez jovens. Os critérios de inclusão na amostra foram: autodeclaração de ser gordo(a) e/ou de ter sido gordo(a) na adolescência, ser estudante universitário e ter acima de 18 anos de idade. A escolha de universitários(as) ocorreu, por um lado, para tentar atingir um público jovem que se lembre da adolescência com maior precisão e, por outro lado, para homogeneizar outras variáveis como a do contexto educacional.

Entre os(as) participantes, cinco se identificaram como “mulheres” e cinco como “homens”. Em relação à autoidentificação racial, cinco se declararam brancos, dois pretos, dois pardos e um como amarelo. A idade variou entre 19 e 30 anos. Quanto à orientação sexual, quatro se autodeclararam heterossexuais, quatro como homossexuais, um como bissexual e um como pansexual. Três participantes relataram estar em um relacionamento afetivo-sexual e sete afirmaram não possuir um(a) parceiro(a) no momento. Oito participantes declararam estudar em universidade pública e dois em instituição privada. Os cursos variaram entre as áreas das ciências humanas e exatas. O Quadro I mostra a caracterização dos(as) participantes, com nomes fictícios começados pela letra “L”.

Quadro I - Caracterização dos(as) participantes

Participante	Gênero (*)	Idade (anos)	Auto identificação racial	Orientação Sexual (**)	Relaciona-mento	Universidade/ Curso
Lara	Fem	21	Branco	Hetero	Não	Pública/Psicologia
Leila	Fem	30	Preto	Homo	Sim	Pública/Graduação em Psicologia
Leandro	Masc	22	Branco	Homo	Sim	Privada/Psicologia
Leonardo	Masc	22	Pardo	Pan	Não	Pública/Ed. Física
Livia	Fem	19	Amarelo	Bi	Não	Pública/Pedagogia
Lorena	Fem	20	Branco	Hetero	Sim	Pública/Ed. Física
Lorenzo	Masc	20	Preto	Homo	Não	Pública/Ciência da Computação
Lúcia	Fem	22	Branco	Hetero	Não	Pública/ Ed. Física
Lucas	Masc	21	Pardo	Hetero	Não	Pública/ Ed. Física
Luan	Masc	25	Branco	Homo	Não	Privada/ Graduação em Administração

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Legenda: (*) Fem- feminino; Masc- masculino; (**) Hetero- heterossexualidade; Homo- homossexualidade; Pan - pansexualidade; Bi - bissexualidade.

Instrumentos de Coleta de Dados

O instrumento utilizado foi uma entrevista, com questões abertas, com a finalidade de levantar dados pessoais dos(as) participantes e aprofundar a temática, organizadas em eixos como autoimagem, estigma, corpo gordo e preconceito, corpo gordo e sexualidade. O instrumento foi aplicado em situação piloto, com participantes semelhantes aos da amostra. A ordem das questões e a maneira de fazê-las foram alteradas para a versão final da entrevista.

Procedimentos

Esta pesquisa foi submetida, avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), com o número do parecer de aprovação

3.391.313. Todos os procedimentos éticos foram respeitados e os(as) universitários(as) consentiram livremente participar do estudo, assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e seus dados foram anônimos (nomes fictícios).

Um *flyer* de divulgação contendo os critérios para participação na pesquisa foi disponibilizado em redes sociais e compartilhado por outras pessoas. Essa ferramenta, inicialmente, serviu para identificação da amostra, na técnica que chamamos de “bola de neve”. Quinze potenciais participantes foram contatados via *Whatsapp*; cinco recusaram a participação voluntária e/ou não responderam à mensagem, e os demais aceitaram a participação.

As entrevistas foram agendadas em dia e horário mais conveniente aos participantes e foram realizadas em um laboratório de pesquisa de uma universidade pública, com a devida privacidade para as interações verbais. Todas as entrevistas foram gravadas na íntegra, com a anuência dos(as) participantes e a duração teve em média 30 minutos.

Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temática proposta por Bardin (2020). Toda a interação verbal foi transcrita na íntegra em documento Word. Após as transcrições, a análise se deu da seguinte forma: leitura flutuante e pré-análise, organização das categorias temáticas emergentes ou decorrentes e mutuamente exclusivas, para posterior inferência e interpretação dos dados (Bardin, 2020).

Resultados e discussão

A análise dos dados resultou em categorias temáticas que serão apresentadas, a seguir.

Sentimentos de insegurança e baixa autoestima

Os sentimentos de vergonha e insegurança foram evidenciados por nossos(as) participantes. Silva, (2012), Gautério e Silva (2014) e Gailey (2012) pontuam que mulheres gordas são mais inseguras com seus corpos e sentimentos de vergonha são frequentemente suscitados em suas relações afetivas e sexuais. Pontuamos que a gordura é um fator que pode despertar os mesmos sentimentos em homens e mulheres, pois suas características (como mamas acentuadas e “supressão” da genitália) embora mais associadas ao feminino, podem vincular o homem a um corpo com “traços afeminados” (Piñeyro, 2016; Tovar, 2018). No entanto, o patriarcado faz com que as mulheres estejam mais vulneráveis ao controle corporal, a pressão estética e outras violências de gênero que são intensificadas quando somadas à gordura e outras intersecções (Jimenez-Jimenez, 2020).

Leandro aponta a insegurança vivenciada nos extremos: ora por ser gordo, ora por estar abaixo do peso, e gordo novamente. Leonardo relata que começou observar que suas relações não eram assumidas por parte dos(as) parceiros(as) e que as pessoas “ficavam” com ele, mas sentiam vergonha: “eu comecei a reparar que o pessoal ‘ficava’ comigo, mas tinha vergonha de ‘ficar’ comigo, de falar que ficava comigo, ‘aí’ isso causou uma certa...um certo bloqueio e eu me fechei” (...) (Leonardo, pansexual, 22 anos).

Os(as) entrevistados(as) recordaram o período da adolescência e como as vivências contribuíram para uma baixa autoestima e sentimentos de “não merecimento” de afeto ou sexo. Por muito tempo, acharam-se desprovidos de beleza e não aceitos pelo grupo. Para se enquadrar no padrão de beleza, Lorenzo conta que seria necessário passar por alguma “transformação”.

É...eu acho que boa parte da minha vida eu acreditava que ‘tipo’ eu não era uma pessoa é...bonita, ‘sabe?’ eu achava que eu era feio, que tinha pessoas que eram bonitas e eu não fazia parte desse grupo (...) eu acho que isso foi muito ruim ‘pra’ minha autoestima, (...) por muito tempo eu não acreditava que eu poderia talvez achar alguém que gostasse de mim, e que eu precisaria passar por algum tipo de transformação em algum momento ‘pra’ fazer com que as pessoas...que alguém, no caso, me achasse bonito e gostasse de mim (Lorenzo, homossexual, 20 anos).

Ser chamada de “feia” na adolescência contribuiu com o surgimento de inseguranças, falta de atitude e afastamento nas interações sociais. Lúcia expõe que escondia seus sentimentos, por não ter uma autoestima “suficiente”,

(...) eu nunca tive contato com menino na adolescência porque me chamavam de feia e tudo mais e daí eu também não ia atrás por sentir que ninguém ia querer ficar comigo (...) se eu tivesse autoestima suficiente 'pra' talvez ir atrás, talvez tivesse ficado com a pessoa (...), mas ficava nesse de ser só um 'amor platônico' da pessoa nem descobrir que tinha algum tipo de interesse (Lúcia, heterossexual, 22 anos).

Além disso, a insegurança muitas vezes levou as pessoas a timidez e retraimento, evidenciando dificuldades em demonstrar afeto nas relações interpessoais e limites do outro em seu corpo. Exemplos:

(...) quando eu estou em uma relação eu não consigo demonstrar afeto, apreço... 'aí' a pessoa acha que eu não gosto, mesmo eu gostando, e acaba se distanciando e gerando conflitos (...) (Leonardo, pansexual, 22 anos).

(...) até hoje eu tenho dificuldade em me relacionar com as pessoas (...) (Lucas, heterossexual, 21 anos).

(...) então, isso me bloqueava 'pra' certos tipos de... eu tinha um limite quando saía com as pessoas, me limitava e limitava a pessoa também (...) Certos tipos de toque, é... onde a pessoa colocava a mão, o que a pessoa ia fazer, tinha esse receio, então, eu não deixava a pessoa colocar a mão na minha barriga, na minha perna... (Luan, homossexual, 25 anos).

O desenvolvimento de uma autoestima "saudável" pode ser reforçado pelo meio em que os sujeitos estão inseridos (Meyer, 2011; Guilhardi, 2002), por isso é tão importante considerar os processos subjetivos e sociais que relacionam as vivências pessoais de pessoas gordas em um contexto social no qual o padrão de beleza e saúde é o corpo magro.

Experiências sexuais e amorosas de pessoas gordas

Relações entre a vivência da sexualidade e o corpo gordo foram identificadas. Para Lara, o corpo gordo influencia muito na vivência da sexualidade, evidenciando o estigma da assexualidade da pessoa gorda (Oliveira-Silva, 2017). Ela percebe que ao se comparar com suas amigas, suas relações afetivas e sexuais foram tardias, além de ter vergonha do corpo ao despir-se, mesmo sendo diante de uma pessoa de sua confiança. Lúcia conta que seu primeiro beijo ocorreu no final do primeiro ano de graduação e que ao longo de suas vivências não teve nenhum relacionamento. Para a Lúvia, ser gorda na adolescência trouxe impactos em sua sexualidade, o contato com o corpo seria para "mudança estética", seu corpo era visualizado como algo "pecaminoso", "nojento" e, por esse motivo, não deveria ser tocado. A assexualidade da pessoa gorda (Oliveira-Silva, 2017), é expressa no relato:

E aí, isso atingiu direto a minha sexualidade porque eu, eu nem sequer reparava no meu corpo, não queria reparar no meu corpo, eu reparava no sentido estético, mas no sentido sexual eu, eu não tinha nem sequer curiosidade porque era algo... 'sei lá', ao mesmo tempo era pecaminoso, da mesma forma também era meio que nojento porque 'tipo': 'como uma pessoa gorda transa? Não transa!'. Então, não tem nem porque você se tocar (Lúvia, bissexual, 19 anos).

Várias situações de dificuldades nas primeiras experiências amorosas e sexuais foram relatadas. O desafio de "ficar", por exemplo, seja pela dificuldade pessoal de quem tem um corpo estigmatizado por ser um corpo "diferente" e ao mesmo tempo depreciado na "prateleira do amor" (Zanello, 2022), desencadeando a solidão afetiva (Jimenez-Jimenez, 2020). Durante a adolescência, ficou explícito a dificuldade das pessoas gordas para interagirem socialmente com pares e serem aceitos, seja com fins de amizade ou paquera (Ferriani *et al.*, 2005).

Lara relata que já vivenciou situações de homens "apostando" para quem tivesse coragem de ficar com ela. Também houve um relato sobre situações em que o "ficar" acontecia esporadicamente e o medo de que o parceiro fosse satirizado pelo envolvimento afetivo. Considera-se que a pessoa gorda é vista socialmente como aquela que não pode ser exposta como parceira e ocupa lugares de "diversão" (Gailey, 2012; Tovar, 2018). Exemplo:

(...) em festa também, já aconteceu bastante... (...) de caras apostarem pra outros caras ficarem comigo, já aconteceu tanta coisa (...) na adolescência, 'tipo', eu meio que ficava com 'caras' só em baladas (...) era um negócio meio assim... eu tinha medo de as pessoas descobrirem que eu fiquei com algum 'cara' porque o 'cara' ia ser zoado, sabe? (Lara, heterossexual, 21 anos).

A falta de opções para escolha de parceiros(as) e a percepção de que há um certo "limite" foram mostradas por Leila. Por ser gorda, considera que seu "leque de opções" é reduzido, e que nem sempre teria o direito de escolher a pessoa do seu interesse, sendo obrigada a aceitar, muitas vezes, a "sobra". Quando

pensamos na “prateleira do amor” compreendemos que o interesse é despertado por uma série de atributos que faz do outro uma pessoa atrativa para o relacionamento (Zanello, 2022). A pessoa gorda, “abre mão” desses critérios em prol de ser amada, e esse “amor sobrado” pode ser abusivo/violento. Para Tovar (2018, p. 117) “Elas [mulheres gordas] estão aceitando relacionamentos e experiências sexuais inaceitáveis porque não se acham merecedoras de algo melhor”,

(...) eu sempre me contentei com o que aparecia (...) eu acho difícil ‘assim’, é que eu ainda tive uma fase tranquila em relação a isso, mas eu acho um pouco difícil porque você fica limitado, é o que sobra, é o que aparece e ‘ai’ parece que você é obrigado a aceitar porque não tem outra opção (Leila, homossexual, 30 anos).

Em relação à iniciação sexual podemos perceber relatos de experiências favoráveis, desfavoráveis ou mesmo “neutras” (“limitada” e “curiosa”).

A primeira vez, para Lara e Leandro, foi colocada como um momento desejável, “normal” e “tranquilo”, um momento importante para se sentir confortável com o parceiro; entretanto, Leandro sentiu a rejeição pelo corpo gordo por parte de um ex-companheiro, velado por um discurso comum e gordofóbico: “se você fosse gordo(a), eu não te namoraria”.

Muitos participantes descreveram suas experiências como desfavoráveis, alguns termos foram utilizados para representar o momento, como: “decepcionante”, “ruim”, “horrível” e “frustrante”. Leonardo mencionou que a sua primeira vez com “homem” foi “horrível”, que ele se machucou e aos poucos a relação foi melhorando; já com “mulher” classifica como uma iniciação sexual “tardia” e a coloca como “interessante” e uma “segunda primeira vez melhor”.

Outros(as), identificam como um momento ruim por ter feito “tudo de uma vez” e por estar “procurando apenas sexo” (Lorenzo); por ter perdido a virgindade com um namorado que não a respeitou e considerar que estava em um “relacionamento abusivo” (Lorena). Lorena explica que se sentia usada e esse sentimento era acompanhado por uma situação que ocorria após o sexo: “a gente fazia por três minutos, ele virava pro lado e dormia”. Lucas, também avalia o momento como ruim, por ter tido uma disfunção erétil, “broxado”.

Já as experiências avaliadas de modo “neutro” foram relacionadas ao sexo como um ato “apenas com penetração, sem prazer mútuo” (Lívia); ao sexo apenas oral, em que “nunca se chegou aos ‘finalmentes’ por não sentir confiança e não ter um namorado” (Lúcia) e, ainda, ao sexo realizado apenas por curiosidade, “para saber como era” (Luan).

Quando pensamos na iniciação sexual, compreendemos que pressões são vivenciadas por homens e mulheres para assumirem diferentes papéis sociais e sexuais (Heilborn, 2006). Durante a adolescência, as meninas são cobradas a manterem-se virgens e entregar-se apenas quando estiverem em um relacionamento “sério” e com a “pessoa certa”; já os meninos, precisam “provar” sua masculinidade e transar o quanto antes (Rieth, 2002). O “ficar” também é uma forma de ter o primeiro contato com o outro e desenvolver relações sexuais ou afetivas “sem compromisso”, que para acontecer nem sempre precisa de interação ou troca de afinidades e, muitas vezes, o primeiro atributo a ser identificado é a aparência (Sousa; Nunes; Machado, 2012).

O emagrecimento apareceu como um “facilitador” para o envolvimento sexual: “Eu vejo que se eu não tivesse emagrecido eu nunca teria transado!” (Lívia). Em outros casos, algumas modificações no ambiente foram feitas para se sentir “mais confortável” no ato sexual, como “meia luz”, posições que não evidenciassem tanto o corpo, e até mesmo continuar de roupa para “esconder” o corpo (Lorena).

Luan considerava que havia um “bloqueio” em seus relacionamentos, já que esses não duravam muito tempo. Podemos supor, que esse sentimento foi causado pela rejeição vivenciada enquanto pessoa gorda; o participante ressalta que após o emagrecimento despertou o interesse de pessoas que idealizava como potenciais parceiros, o relato explica:

(...) eu sempre tive um bloqueio quanto a isso, não sei dizer o motivo desse bloqueio, mas são relacionamentos que não duram por muito tempo. Sempre acontece alguma coisa, ou sempre tem alguma coisa que acaba sendo conflito ‘pra’ ambos e acaba não dando certo, eu não tive muita vivência (...) Principalmente na vida afetiva, entendeu? Muitas pessoas já me disseram não, já evitaram de conversar comigo na época que eu era gordo. Depois dessa mudança, pessoas que eu jamais imaginei que falaria comigo, que ficariam comigo, acabou acontecendo, então, é isso. Eu acredito que depois que eu meio que entrei nesse padrão houve diferença no contato com as pessoas comigo (Luan, homossexual, 25 anos).

Finalmente, uma observação sobre o uso de tecnologias. Os participantes Lara e Leandro relataram que quando se sentiram confortáveis com seu corpo e aparência, utilizaram aplicativos de paquera como ferramenta para interagir amorosamente, algo atualmente muito utilizado (Pelúcio, 2017). Os corpos gordos não são socialmente valorizados como padrões de atração e desejo (Chen; Brown, 2005; Oswald; Champion; Pedersen, 2020), e no ambiente virtual entende-se que há uma maior liberdade para interagir com o outro, sem precisar, muitas vezes, expor o seu físico. No entanto, existe uma procura por pessoas gordas em sites de relacionamento, isso pode sugerir que nem sempre o desejo pelo corpo considerado desviante é revelado (Barros, 2017).

Questões de gênero e orientação sexual

O corpo gordo feminino pode ser lido socialmente como um corpo “desviante” e ao mesmo tempo fetichizado, visto que “corpos estigmatizados socialmente em público se tornam propulsores de prazer quando no privado” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 158). Nechar (2015) discute a partir da premissa de que “as gordinhas são melhores na cama”, ou seja, há uma preferência sexual por mulheres “gordas”. Segundo a autora, o que traz inseguranças às mulheres são os padrões de beleza que divulgam a magreza como símbolo de desejo sexual.

Sobre o exposto, colocamos que, de fato, o corpo gordo pode despertar desejo sexual (Piñeyro, 2016; Rangel, 2018), mas nem sempre a pessoa gorda é assumida em relacionamentos, quando pensamos em “gordas maiores”, essas são lidas como objetos, fetichizadas e animalizadas. Em contraponto, Jimenez-Jimenez (2020, p. 156) sugere que em relacionamentos homoafetivos, mulheres gordas se sentem mais respeitadas e confortáveis “por entender que seus corpos eram mais aceitos e respeitados entre mulheres”. Zanello *et al.* (2024) ao entrevistarem uma mulher gorda homossexual descrevem que não houve menção a cobranças relacionadas ao corpo gordo. A participante afirma que existe companheirismo, entrega e cuidado em suas experiências com a atual parceira.

Ou seja, a homossexualidade ou bissexualidade tanto pode ser uma condição aliada para vivências sexuais entre pessoas gordas, como também um obstáculo maior ao somarmos o corpo gordo estigmatizado, como vemos no relato de Lívia. Em uma parte de seu discurso ela destaca momentos de “crises” e sofrimento por não se enquadrar em um padrão normativo de orientação sexual, e Lorenzo relata várias dificuldades ao insistir em relações heteronormativas não sucedidas até identificar-se como homossexual e compreender que outras pessoas o achariam bonito e atraente. Zanello *et al.* (2024) discutem como homens gordos, ao estabelecerem relações homoafetivo-sexuais, podem ser desejados e ao mesmo tempo fetichizados por meio de uma nova categoria conhecida como “bear” ou “urso”.

Ao pensar nas diferenças entre os gêneros masculino e feminino, homens gordos podem ser percebidos como femininos, másculos e viris; enquanto mulheres gordas são grotescas ou símbolos sexuais, o que as enquadram em uma categoria de “objeto” – aquele que pode ser usado, abusado e descartado (Piñeyro, 2016; Tovar, 2018). O relato de Lorena denuncia uma tentativa de violência sexual e assédio em locais de convivência, como em seu trabalho.

(...) eu quase fui estuprada, o ‘cara’ chegou a apontar uma arma na minha cabeça, eu tinha uns dezesseis anos eu acho, não faz tanto tempo, mas isso foi uma coisa que pegou bastante (...) questão de assédio, é quase todo dia (...) meu serviço uma semana que eu entrei lá já veio um ‘cara’ me assediar também, um ‘cara’ da mesma equipe, eu tive que chamar o coordenador do andar que eu ‘tava’ realmente preocupada porque me afetou bastante, no serviço novo (Lorena, heterossexual, 20 anos).

Enfrentamento de dificuldades

Os(as) participantes (Lara, Leandro, Leonardo, Lucas e Lúcia) elencaram a psicoterapia como importante aliada no processo de enfrentamento das dificuldades vivenciadas em relação à sexualidade e à insegurança de viverem com um corpo gordo. Ressaltou-se a importância do psicólogo para que seja iniciado o processo de “autoconhecimento”. Tura (2005) evidencia resultados positivos ao realizar psicoterapia grupal com pessoas gordas.

Outro profissional da saúde que auxiliou no processo de enfrentamento, foi o médico. Para Leonardo,

um médico o ajudou a desconstruir a “obesidade” como causa de outras doenças. Além disso, é mostrado que, independente do peso, é possível uma melhora na qualidade de vida e esse acolhimento profissional é essencial para evitar o que chamamos de “gordofobia médica” (Jimenez-Jimenez, 2020; Rangel, 2018; Rubino *et al.*, 2020).

(...) meu médico de coração me ajudou muito porque ele, ele falou que ser gordo em si não influenciava o que influenciava era os outros fatores que estava relacionado, porque todo mundo falava que a minha doença era pelo peso, hoje em dia eu tenho o mesmo peso e a doença não...não existe, ‘sabe’, eram os outros fatores; ‘ai’ o médico mostrou isso ‘pra’ mim (Leonardo, pansexual, 22 anos).

Os relatos também apontaram para a importância do compartilhamento de vivências com outras pessoas (redes sociais) e como a representatividade pode auxiliar no processo de autoaceitação do corpo (Rangel, 2018). Leila reflete sobre a importância de buscar informações e esclarece que nem sempre esse conhecimento é democratizado. A “quebra” dos padrões sociais é ressaltada como forma de alcançar o empoderamento, assim como a troca de experiências; o feminismo mais uma vez é citado por Lúvia, esse acesso gerou impactos e proporcionou maior conscientização sobre seu corpo (Gaylei, 2012). O cuidado com o corpo e a tentativa de olhá-lo com “mais carinho” se distanciando das críticas, também foi sugerido por Lúcia.

Em geral, podemos dizer que os participantes Lara, Leila, Leandro, Lúvia e Lúcia acreditam que falar abertamente sobre o assunto e procurar pessoas gordas para se sentirem representados, seja na mídia ou em outros espaços é algo fundamental. Nesse cenário, o ambiente universitário foi muito favorável para algumas das participantes (Lara, Lúvia e Lúcia), pois proporcionou a troca de vivências e a problematização sobre o assunto: sexualidade e corpo gordo.

Algumas pessoas foram direcionadas a lidar com as dificuldades sozinhas (Leonardo, Lorenzo, Lucas, Lúcia e Luan) e ações individuais foram tomadas para enfrentar os problemas e para se sentirem melhor. Um participante coloca como sua “válvula de escape” a comida, sexo, álcool e drogas (Leonardo, pansexual, 22 anos); outros “aceitaram” o estigma das associações “corpo gordo e feiura” (Lorenzo, homossexual, 20 anos), esquivaram-se de contato social e não falaram sobre seus sentimentos com os pais ou outras pessoas (Lucas e Lúcia).

Os(as) participantes identificaram a escola como um lugar importante para vivências complexas para um(a) adolescente com o corpo gordo. Leila comenta que a escola aparece como produtora de concursos de beleza e competições, além da saúde aparecer como condição intrínseca ao corpo magro. Leonardo argumenta que as aulas de Educação física podem ser espaços de exclusão e centros de “humilhação”, Lorenzo complementa que deveria haver alternativas como, por exemplo, propor novas formações de times nos esportes e incluir e incentivar todos os alunos, desconstruindo padrões corporais. É sabido que desde muito cedo as crianças são influenciadas pelos “corpos perfeitos” e acabam por reproduzir esses ideais no ambiente escolar (Guizzo, 2013).

Ao mesmo tempo que o contexto escolar reproduz desigualdades e pode ser punitivo e reprodutor de discursos gordofóbicos, *bullying* e violências (Gonçalves, 2004; Ferriani *et al.*, 2005; Petroski; Pelegrini; Glaner, 2012), também pode ser um local importante na formação da identidade de crianças e adolescentes discutindo a diversidade de corpos e trabalhando preventivamente em ações de educação sexual (Bortolozzi; Vilaça, 2020; Maia; Ribeiro, 2011; Moreira; Maia; Jacinto, 2020).

A família, assim como a escola, poderia ajudar se informando mais sobre o assunto e compreendendo que nem sempre o peso está relacionado à saúde; além do acolhimento para lidar com situações ligadas à autoestima e autoimagem. Os(as) participantes destacaram ações como o acolhimento, diálogo, a procura de uma rede de apoio ou familiar que se identifique para falar sobre o assunto, a importância de evitar palavras negativas e o emagrecimento como atitude essencial para a saúde, assim como auxiliar no desenvolvimento do “amor próprio” (Leandro, Leonardo, Lorenzo, Lúvia, Lucas, Lorena, Lúcia e Luan). Além da rede familiar mais próxima, amigos(as) (Lorenzo) e parceiros(as) afetivos (Lorena) contribuíram como suporte para o enfrentamento das dificuldades.

Considerações finais

A análise dos relatos nos permite levantar algumas considerações sobre as dificuldades nas vivências da sexualidade no período da adolescência e as maneiras de enfrentamento, de quem viveu esse período tendo um corpo gordo, aqui compreendido como um “duplo tabu”.

Muitos participantes foram considerados assexuais e vivenciaram relações tardias quando comparados ao grupo de amigos e pares. Sentimentos de vergonha e insegurança foram evidenciados, seja pela mudança no corpo, mas também pela ocultação nas relações afetivas. Mesmo o emagrecimento aparecendo como um “facilitador” social e nos relacionamentos, o sofrimento vivenciado enquanto pessoa gorda trouxe inseguranças e tentativas de esconder o corpo e limitar toques quando envolvidos em uma possível “preliminar”.

Dificuldades na interação com pares, falta de opções na escolha de parceiros(as), baixa autoestima, fetichização e objetificação, sentimentos de não merecimento de afeto e a necessidade de passar por alguma transformação para ser aceito, podem ser considerados fatores determinantes para que a pessoa gorda se torne mais vulnerável e propensa a vivenciar violências.

Por outro lado, entende-se que quando os(as) participantes se sentiram confortáveis com seu corpo, independentemente da estética, tentaram interagir com seus pares. Nesse processo de desconstrução e enfrentamento, profissionais da psicologia e da saúde atuaram enquanto rede de apoio para ressignificação das vivências. O diálogo e representatividade na mídia também foram citados como agentes transformadores e salienta-se que instituições como a escola, família e amigos podem ser facilitadores de espaços mais inclusivos e seguros.

Como uma pesquisa qualitativa, há limites de generalização da análise; entretanto, elementos importantes são denunciados na elucidação da relação entre a sexualidade e o corpo gordo. Novos estudos podem aprofundar a questão, interseccionando variáveis como gênero e raça. Além disso, ressaltamos a importância de se considerar a vivência com o corpo gordo nas discussões em psicologia, sexualidade e educação sexual, visando à desconstrução de padrões normativos e situações de exclusão e discriminação.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Aos participantes da pesquisa, que voluntariamente se dispuseram e contribuíram com a ciência; Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura – GEPESEC; À UNESP e ao programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem.

Referências

ARRUDA, A. D. S.; JIMENEZ- JIMENEZ, M. L. J.; SILVA, M. J. D. Feminismo gordo: epistemologias, saúde e mídia. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Maringá, v. 1, n. 28, p. 38–64, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n28.61954.p38-64>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/61954>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Edição revista e atualizada. Tradutor: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 5.ed. Portugal: Editora 70, 2020.

BARROQUEIRO, R. et al. Função sexual feminina, sintomas de ansiedade e depressão em mulheres após cirurgia bariátrica. *Revista de Ciências da Saúde*, São Luís, v. 14, n. 1, p. 60-67, 2012. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rcisaude/article/view/1284>. Acesso em: 03 fev. 2025.

BARROS, M. *Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores*. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/4382>. Acesso em: 03 fev. 2025.

BORTOLOZZI, A. C.; VILAÇA, T. *Educação sexual inclusiva e a formação de professores(as)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

CASTRO, M. R. C. et al. Imagem corporal em mulheres submetidas à cirurgia bariátrica: interações socioculturais. *Motricidade*, Vila Real, v. 9, n. 3, p. 82-95, 2013. DOI: <https://doi.org/10.6063/motricidade.899>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/899>. Acesso em: 03 fev. 2025.

ÇAYNAK, S.; BOYACIOĞLU, N. E.; TEMEL, M. Body perception and sexuality of bariatric surgery patients. *Perspectives in Psychiatric Care*, Hoboken, v. 57, n. 3, p. 1266–1272, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/ppc.12683>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/ppc.12683>. Acesso em: 03 fev. 2025.

CHEN, E. Y.; BROWN, M. Obesity Stigma in Sexual Relationships. *Obesity Research*, New York, v. 13, n. 8, p. 1393-1397, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1038/oby.2005.168>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1038/oby.2005.168>. Acesso em: 03 fev. 2025.

CHOOI, Y. C.; DING, C.; MAGKOS, F. The epidemiology of obesity. *Metabolism: Clinical and Experimental*, Philadelphia, v. 92, p. 6–10, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.metabol.2018.09.005>. Disponível em: [https://www.metabolismjournal.com/article/S0026-0495\(18\)30194-X/abstract](https://www.metabolismjournal.com/article/S0026-0495(18)30194-X/abstract). Acesso em: 03 fev. 2025.

CONCEIÇÃO, E. et al. Comportamentos Alimentares Problemáticos após Cirurgia Bariátrica: Um Estudo com Amostra Nacional Portuguesa. *Acta Médica Portuguesa*, Lisboa, v. 31, n. 11, p. 633-640, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20344/amp.9237>. Disponível em: <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/9237>. Acesso em: 03 fev. 2025.

DI NARDO, M. et al. What is the “weight” of body mass index on sexual functioning in women? A mediation model. *Eating and Weight Disorders*, Milão, v. 26, n. 6, p. 1801–1811, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40519-020-00995-4>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40519-020-00995-4>. Acesso em: 03 fev. 2025.

FERRIANI, M. G. et al. Auto-imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. *Revista Brasileira de Saúde Maternal Infantil*, Recife, v. 5, n. 1, p. 27-33, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292005000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/r/rbsmi/a/9ZRvdw5wpMkMNxjm3TwyqTq?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2025.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GAILEY, J. A. Fat Shame to Fat Pride: Fat Women's Sexual and Dating Experiences. *Fat Studies*, Londres, v. 1, n. 1, p. 114 -127, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/21604851.2012.631113>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21604851.2012.631113>. Acesso em: 03 fev. 2025.

GAUTÉRIO, C. R. M.; SILVA, M. R. S. As diferentes vozes das mulheres do grupo colmeia: o corpo gordo feminino. *Revista Didática Sistemática*, Rio Grande, v. 16, n. 1, p. 21-33, 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/5208>. Acesso em: 03 fev. 2025.

GOKALP, F. et al. Bariatric surgery has positive effects on patients' and their partners' sexual function: A prospective study. *Andrology*, Hoboken, v. 9, n. 4, p. 1119–1125, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/andr.13000>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/andr.13000>. Acesso em: 03 fev. 2025.

GONÇALVES, C. A. O “peso” de ser muito gordo: um estudo antropológico sobre obesidade e gênero. *Mneme – Revista de Humanidades*, Natal, v. 5, n. 11, p. 599-642, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/246>. Acesso em: 03 fev. 2025.

GRANERO-MOLINA, J. et al. Sexuality amongst heterosexual women with morbid obesity in a bariatric surgery programme: a qualitative study. *Journal of Advanced Nursing*, Oxford, v. 77, n. 11, p. 4537–4548, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/jan.14972>. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jan.14972>. Acesso em: 03 fev. 2025.

GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, M. A. Z.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBBA, S. M. B. (Orgs.). *Comportamento Humano: Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André: ESETec, 2002, p. 63-98. Disponível em: https://itrcrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf. Acesso em: 03 fev. 2025.

GUIZZO, B. S. Gênero e embelezamento da educação infantil. *Revista Percursos*, Curitiba, v. 14, n. 26, p. 125-143, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984724614262013125>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614262013125>. Acesso em: 03 fev. 2025.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/H9vcsRTzLyVBFPg6kCbyn6q/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional de saúde: 2019: Atenção primária à saúde e informações antropométricas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101758>. Acesso em: 03 fev. 2025.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, 2020. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/4081>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MAGDALENO JÚNIOR, R.; CHAIM, E. A.; TURATO, E. R. Características psicológicas de pacientes submetidos a cirurgia bariátrica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 73-78, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082009000100013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/8BC4zqynpfKSdCzZjNqdbWr/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa: Princípios Para Ação*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/download/37798854/Texto_Educa%C3%A7%C3%A3o_Sexual_Princ%C3%A9pios_para_Acao.pdf. Acesso em: 03 fev. 2025.

MEYER, D. de S. T. *A autoestima na perspectiva da Análise do Comportamento*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2011. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Deise-Meyer.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MOREIRA, M. C.; MAIA, A. C. B.; JACINTO, H. F. de A. Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. *Psicologia e Educação online*, Covilhã, v. 3, n. 1, p. 49-54, 2020. Disponível em: <https://psicologiaeducacao.ubi.pt/Ficheiros/ArtigosOnLine/2020NI/V3NI%20-%205.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MOTA, D. C. L. *Comportamento alimentar, ansiedade, depressão e imagem corporal em mulheres submetidas à cirurgia bariátrica*. Dissertação (Mestrado em Psicobiologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.59.2012.tde-11062012-165343>. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59134/tde-11062012-165343/pt-br.php>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MOTA, D. C. L.; COSTA, T. M. B.; ALMEIDA, S. S. Imagem Corporal, Ansiedade e Depressão em Mulheres Submetidas à Cirurgia Bariátrica. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 100-113, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000300008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 fev. 2025.

MÜLLER, A. et al. Depression and Suicide After Bariatric Surgery. *Current Psychiatry Reports*, Philadelphia, v. 21, n. 9, p. 84, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11920-019-1069-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11920-019-1069-1>. Acesso em: 03 fev. 2025.

- NECHAR, P. A. *Culturas e comunicações do universo plus size: uma cartografia das imagens de corpo nos discursos das redes sociais*. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/4740>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- NOVAES, J. V. Corpo feminino e sexualidade: gordura, feiura e exclusão social. *Tempo Psicanalítico*, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 357-380, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382022000200017&script=sci_abstract. Acesso em: 03 fev. 2025.
- OLIVEIRA-SILVA, M. *Corpo, Cultura e Obesidade: Corpo, cultura e obesidade: Desenvolvimento de Posicionamentos Dinâmicos de Si em Mulheres Submetidas à Gastroplastia*. 2017. 212p. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/24624>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- OSWALD, F.; CHAMPION, A.; PEDERSEN, C. L. The Influence of Body Shape on Impressions of Sexual Traits. *The Journal of Sex Research*, Philadelphia, v. 59, n. 3, p. 330–343, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1841723>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2020.1841723>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 29, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190227>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pBvf5Zc6vtkMSHytzLKxYJH/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- PELÚCIO, L. *Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo*. 2017. Tese (livre-docência em Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/154656>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M. F. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 1071-2077, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000400028>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/LzpQDW37kVvRhSwpFF6GYzc/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- PIÑEYRO, M. *Stop Gordofobia y las panzas subversas*. Málaga: Zambra y Baladre, 2016.
- RANGEL, N. F. A. *O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de Significados*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205904>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- RIETH, F. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 77-91, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/qZPDpSnPgVgVdPKjBjt9Mnb/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- RÓŻAŃSKA-WAŁĘDZIAK, A. et al. The effect of bariatric surgery on female sexual function: A cross-sectional study. *Scientific Reports*, Londres, v. 10, n. 1, p. 12138, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-020-69176-8>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-020-69176-8>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- RUBINO, F. et al. Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. *Nature Medicine*, Londres, v. 26, n. 4, p. 485–497, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0803-x>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-020-0803-x>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. *Metodologia de Pesquisa*. Tradutora: Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- SILVA, A. G. G. *Imagem corporal, conjugalidade e sexualidade: estudo comparativo entre mulheres com*

sobrepeso/obesas e não obesas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade do Algarve, Algarve, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/5767>. Acesso em: 03 fev. 2025.

SOUSA, V. F. F. S.; NUNES, M. L. S.; MACHADO, C. J. S. “Ficar é...”: um código e relacionamento entre adolescentes. *Caderno espaço feminino*, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 136-157, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/21807/11968>. Acesso em: 03 fev. 2025.

SPATA, A. *Métodos de pesquisa: ciências do comportamento e diversidade humana*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

TALMOR, A.; DUNPHY, B. Female obesity and infertility. *Best Practice and Research: Clinical Obstetrics and Gynaecology*, Londres, v. 29, n. 4, p. 498-506, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bpobgyn.2014.10.014>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1521693414002417?via%3Dihub>. Acesso em: 03 fev. 2025.

TOVAR, V. *Meu corpo, minhas medidas*. São Paulo: Primavera Editorial, 2018.

TURA, A. B. W. Relato de uma experiência de atendimento psicoterápico com grupos de obesos. *Vínculo*, São Paulo, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 32-41, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902005000100005. Acesso em: 03 fev. 2025.

ULIAN, M. D. Eu tenho um corpo gordo, e agora? Relatos de mulheres obesas que participaram de uma intervenção não prescritiva, multidisciplinar e baseada na abordagem “health at every size”. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 697-722, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/demetra.2016.22501>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/22501>. Acesso em: 03 fev. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World health statistics 2024: Monitoring health for the SDGs, Sustainable Development Goals*. World Health Organization, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240094703>. Acesso em: 03 fev. 2025.

ZANELLO, V. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, V.; RICHWIN, I. F.; BIRCK, M. D. O peso do gênero: diferenças da vivência da 'gordidade' entre mulheres e homens. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 36, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33208/pc1980-5438v036e003>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652024000100400&script=sci_arttext. Acesso em: 31 mar. 2025.

Recebido em: 07/02/2025

Aprovado em: 15/06/2025